

# ESTRATÉGIA DA DÍVIDA

10 FEV 1988

## O governo paga. Mas quer algumas vantagens.

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, vai insistir em um ponto durante os contatos que manterá na próxima semana com banqueiros, políticos e autoridades dos EUA (para onde embarca no sábado): o acordo de negociação da dívida externa brasileira, no momento em discussão com os credores, deverá incluir um programa de recuperação das reservas externas do País. A informação foi dada ontem no Palácio do Planalto, juntamente com uma explicação: o governo não pretende desistir da securitização da dívida externa (troca da dívida por bônus, com desconto), mas reconhece, neste momento, as dificuldades para seguir por esse caminho, em vista do baixo nível das reservas internacionais.

De acordo com o modelo que vem sendo aceito pelos bancos privados para a securitização da dívida, o país devedor tem de utilizar parte das suas reservas na operação. O México, por exemplo, teve de utilizar suas reservas na proporção de 20% do total securitizado. No caso, foram US\$ 2 bilhões das reservas para dar garantia a um total de US\$ 10 bilhões de bônus. Como o nível das reservas brasileiras é considerado hoje muito baixo, de aproximadamente US\$ 4,5 bilhões, suficiente apenas para dar segurança às transações normais do País, entende-se no Palácio do Planalto que está aí um sério obstáculo à securitização, já que ela é facultativa e, portanto, nenhum banco aceitaria trocar seus créditos por bônus sem garantias. E é esse obstáculo que o governo pretende retirar, a médio prazo, fazendo aprovar, no acordo com os bancos, um programa de recuperação das reservas exter-



Milliet: volta breve.

nas. Numa segunda etapa, participariam desse programa também o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Clube de Paris (que reúne bancos oficiais das nações desenvolvidas), o Banco Mundial (Bird) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O programa de recuperação das reservas externas compreenderia, principalmente, a fixação de menores **spreads** (taxas de risco), de um seguro contra altas flutuações das taxas de juros, de garantias de refinanciamento de parte dos juros devidos e da fixação de maiores prazos para o pagamento do principal.

### Milliet volta

Segundo nosso correspondente em Washington, **Moisés Rabinovici**, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, viaja

hoje à noite para o Brasil, deixando "as negociações caminhando", para ver a família. Milliet volta aos EUA na próxima terça-feira, para se juntar ao ministro Maílson da Nóbrega, que chega no domingo a Nova York. Milliet informou que as negociações terão ainda "algumas semanas pela frente, até que se chegue a um acordo".

O presidente do comitê assessor dos bancos credores, William Rhodes, também passará alguns dias fora de Nova York. Rhodes vai a Londres para conferência. As negociações continuarão a nível de subcomitê, tratando de assuntos legais.

As discussões continuarão centradas sobre a quantia de dinheiro novo que o Brasil está pretendendo obter com o pacote de médio prazo. Uma fonte bancária revelou que Fernando Milliet mantém a reivindicação inicial, de US\$ 7 bilhões, e que os banqueiros propõem menos, mas não quis dizer quanto. "Mas uma coisa é certa", acrescentou. "Desses US\$ 7 bilhões devem sair os US\$ 3 bilhões do acordo provisório do final do ano passado" (o acordo fechado ainda por Fernão Bracher para acertar os juros atrasados com a moratória).

A vinda do ministro Maílson da Nóbrega poderá acelerar a conclusão do acordo de médio prazo? Um funcionário do governo norte-americano lembrou ontem que "embora ele tenha declarado à imprensa que não vem aos EUA negociar a dívida, será muito difícil ele não tocar no assunto quando se encontrar com o secretário do Tesouro, James Baker, e com o presidente do Federal Reserve, Alan Greenspan".